

INFORME ECONÔMICO

■ GUILHERME BARROS

PIB pode crescer até 3% em 98

Havia uma crença entre os economistas de que o governo seria mais comedido nos gastos este ano, mesmo tendo eleições. A gastança do fim de 1997 tratou de demolir todas essas crenças. "O resultado do déficit mostra pouquíssimo apetite do governo em fazer qualquer coisa séria", diz Cláudio Contador, economista da UFRJ e do Coppead. "O pior é que agora se vê que o governo aumentou os impostos em novembro para poder gastar mais no ano eleitoral."

Não é à toa que os analistas econômicos estão revendo suas previsões de crescimento da economia para este ano. Com a alta de juros e o pacote 51, muitos previam até uma queda do PIB. Hoje, parece estar ficando cada vez mais claro que isso não vai ocorrer. O próprio Contador, que estava prevendo uma expansão de 2% para o PIB este ano, já começa a achar que terá que refazer suas contas. Ele não despreza a hipótese de o país até crescer 3%, como em 1997. Contador foi um dos poucos economistas a acertar o comportamento do PIB no ano passado.

A primeira vista, o fato de a economia crescer mais do que o esperado em 1998 poderia ser interpretado como uma boa notícia, mas não é bem assim. "Significa que o ajuste fiscal será mais uma vez adiado", diz Cláudio Contador. Segundo ele, o governo deverá optar por uma estratégia de reduzir o estoque de US\$ 150 bilhões a ser rolado da dívida interna para injetar mais liquidez na economia e, consequentemente, reduzir os juros. "Com isso, o governo agrada a empresários e à sociedade em geral", diz.

Os resultados da gastança do fim do ano passado já começam a aparecer. Os indicadores da atividade econômica mostram que a esperada recessão não aconteceu até agora. Ou não com a força esperada. Pelos dados que estão sendo divulgados, a economia continua crescendo. É o que se conclui a partir dos indicadores da Fiesp. A indústria paulista, segundo o termômetro da Fiesp, cresceu 3,8% em janeiro, contra o mesmo mês do ano anterior e 2,9% de dezembro.

Não há dúvidas de que a tendência é mesmo de crescimento. O economista Luiz Roberto de Azevedo Cunha, da PUC do Rio, acha que, se a desaceleração não ocorrer até agora, é possível que não aconteça até as eleições. "Se a recessão não veio até agora, por que começará daqui para a frente, quando os juros começam a cair?", pergunta Luiz Roberto.

Faz todo sentido. A pergunta agora é por que não houve a esperada retração da economia, apesar das elevadas taxas de juros? São várias as causas. Luiz Roberto concorda, por exemplo, com a explicação dada pelo presidente do Banco Central, Gustavo Franco, de que como os agentes econômicos sabiam que a alta dos juros era temporária não adiaram seus planos de investimento, o que fez com que a atividade não ficasse parada.

Cláudio Contador adiciona um outro fator: a gastança do setor público no fim do ano. A festa dos gastos não iria passar mesmo em branco. Algum reflexo sobre a economia teria que ocorrer.

Já o economista Paulo Mallmann, do BicBanco, tem outra versão. Ele atribui ao superverão o aquecimento inesperado da economia. Segundo ele, este superverão tem trazido efeitos benéficos para a economia, acentuando as vendas de produtos como vestuário, calçados, bebidas, restaurantes, hotéis etc... Ele observa que, num fim de semana, chegam a ser despendidas cinco horas para se percorrer o trajeto de aproximadamente 40 quilômetros que liga São Paulo a Santos. No outro extremo do país, em Fortaleza, os movimentos nas agências, praias, hotéis e áreas de turismo apresentam recorde. "Coisas do El Niño."